



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 28 - julho de 2022

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2022i28p1-4>

APRESENTAÇÃO

A palavra na literatura e em outras artes

O presente número da Revista FronteiraZ traz um dossiê de artigos reunidos sob a temática *A palavra na literatura e em outras artes*. A literatura, como repositório das experiências humanas vividas e imaginadas, potencializa a palavra dando-lhe corporeidade. Matéria prima dos diálogos, produzidos com propósitos estéticos, aproxima-se da expressividade natural da fala e se abre a diferentes contextos de práticas interacionais. A palavra escrita, lida, vocalizada, ouvida é franqueada às diversas artes. Nas Artes Cênicas, ganha as dimensões do próprio corpo, de seu saber sensível, no trabalho do ator em seu processo de composição poética da voz. Em Artes outras, para além das literárias e performáticas, a palavra compõe visualidades e demarca sua expansão para os mais amplos territórios de manifestação estética.

Os artigos que FronteiraZ acolhe neste número flagram a expressividade da palavra em diversas manifestações artísticas, analisando-a à luz de sólidos aportes teóricos que orientam e embasam as reflexões.

O artigo *Reverberações de Guimarães Rosa no imaginário das experimentações artísticas*, de Cecília Almeida Salles e Beatriz Amaral, abre a nossa coletânea e reflete sobre a potência da obra de Guimarães Rosa como elemento gerador de manifestações artísticas várias. No contexto dos estudos de processos de criação, são examinadas a presença e influência roseana no projeto literário de Ignácio de Loyola Brandão e no processo de tradução intersemiótica de Roberto Santos e de Paulo César Pinheiro.

Em *Configurações da palavra no audiovisual e na literatura de Valencio Xavier*, Daniel Felipe Fonseca examina a multimidialidade característica da produção do artista, explicitando o seu sistema de criação. A análise do vídeo *Pinturas Rupestres do Paraná* (1992) e da narrativa literária *O Minotauro* (1985) permite reconhecer em ambas as obras valencianas faces de um mesmo projeto estético, embora sejam distintas no âmbito do conteúdo. Tanto em um trabalho quanto em outro, lida-se com o “arquivo” e a “memória”, problematizando-se a temporalidade.

O artigo *Poética e imagem: atos de criação e de sensações no conto A oficina do escultor de José Saramago*, de Mateus Soares Rodrigues da Silva e Annita Costa Malufe, está organizado em duas seções: “A arte poética e artes visuais na tradição clássica: limites, disputas e agenciamentos” e “Erotismo e sensações no conto ‘A oficina do escultor’: uma visão privilegiada de outras relações entre poesia e imagem”. Entre outros aspectos, o artigo relaciona e discute o processo criativo em produções artísticas, e, ao fazê-lo, prioriza analisar um conto de José Saramago, escolhido por oferecer uma notável visão do ato de criação numa obra de arte.

No artigo *Linhas errantes em A caligrafia de Deus, de Márcio Souza*, Antonio Coutinho Soares Filho focaliza a trajetória da protagonista ao vivenciar a experiência leitora de textos verbal-imagéticos, das fotonovelas, e de textos de tradição oral, representados pelo ditado popular que versa sobre a caligrafia divina. A análise feita aborda aspectos como os condicionantes ideológicos da leitura e reflete sobre a importância desta, ao apontar-lhe o potencial poder de transformar o sujeito-leitor e a sociedade como um todo.

Em *O acalanto e suas ressonâncias no infans: uma abertura para a linguagem a partir da dimensão sonora da voz*, Elisangela Maria da Silva retoma a tese de Vives (2020) e propõe trabalhar sobre a dimensão sonora da voz mobilizada no acalanto como abertura para a linguagem. Para realizar a discussão teórica sobre a relação entre voz, corpo, invocação e linguagem, vale-se, como exemplo ilustrativo, da canção *Autoacalanto*, composta por Caetano Veloso para o neto Benjamin.

Grafia do pensamento: Carta ao pai de Elida Tessler, artigo de Isabela Bosi, tem por objetivo “refletir com e acerca do trabalho *Carta ao pai* (2015), da artista visual Elida Tessler, cujo pensamento artístico se constrói nas fronteiras entre literatura e artes visuais, imagem e palavra” Na obra analisada, a carta é produzida em “uma grafia sem alfabeto, que se constrói no e com o pensamento de que uma escrita também pode se dar

de outros modos, por outros meios” e, mais do que um escrever para ser lido, “se propõe a registrar o gesto poético de um envio”.

A seguir, em *A concretude das palavras e a forma material da memória em Amada, de Toni Morrison*, Marcos Soares analisa o romance *Amada* “a partir da hipótese de que o ponto de fuga dos eventos do enredo é constituído por uma reflexão sobre o estatuto das palavras na sua relação com o registro das experiências dos escravos e seus descendentes.” O autor aponta que as personagens não habitam uma liberdade discursiva e que a manutenção de suas memórias é ameaçada por formas específicas de poder. Os teóricos Theodor Adorno e Walter Benjamin respaldam a adoção e discussão do conceito da “impossibilidade de narrar”.

Os ensaios que compõem este número da Revista FronteiraZ se estruturam, sobretudo, a partir de densas reflexões acerca de temas absolutamente contemporâneos e trazem significativas imbricações entre o campo das artes e o da política, vislumbrando, por intermédio da crítica construída, possibilidades de novos horizontes.

O ensaio *Reexistência negra: apontamentos sobre ancestralidade/temporaneidade na auto-biografia de Mahommah Gardo Baquaqua*, de Leandro Borges, mobiliza-se em torno de uma fundamental e atualizada análise crítica da auto-biografia de Mahommah Baquaqua (século XIX) focalizando sua vocação política, na medida em que revela a leitura a contrapelo da história oficial dominante e conservadora para ascender a própria militância do autor que evidencia, sem sombra de dúvidas, o caráter militante de seu pensamento aliado a uma práxis cotidiana em que emerge a potencialidade de um devir histórico e afro-diaspórico constituído a partir de outros e diferentes paradigmas. O ensaio ora apresentado se movimenta em torno da relação entre contemporaneidade e ancestralidade, vetores da vida e da escrita do autor. Dessa forma, ressaltando um pensamento fortemente político, o ensaio reforça a necessidade, estampada na auto-biografia do autor, de uma nova práxis em que novas identidades autorais sejam capazes de reconhecer o corpo como território de resistência e ação coletivo-comunitária.

Já no ensaio *Nomear o segredo: uma leitura de Marighella, de Isa Grinspum Ferraz*, a autora Liniane Haag Brum constrói uma contundente reflexão em torno do documentário de longa-metragem “Marighella” (2011) em que se destacam não só a biografia de Marighella, mas “o testemunho de um segredo transmitido em infância e revelado 40 anos depois”, portanto, um tempo que recupera a violenta ditadura civil-militar brasileira e as impactantes imagens da Alameda Casa Branca. O ensaio procura

refletir acerca do documentário de Isa Ferraz na medida em que essa imagem da Alameda Casa Branca recompõe a historicidade daquele momento, agregando à leitura a noção de anarquivamento depreendida de Walter Benjamin por Márcio Seligmann-Silva.

Com *A retórica neoliberal*, de Jean Pierre Chauvin, atamos as pontas da publicação dos ensaios e damos relevo ao caráter denso das reflexões aqui desenvolvidas. Nesse ensaio, são discutidos conceitos tais como o da meritocracia, concorrência, liberdade e empreendedorismo, conceitos esses que acionam ideologicamente o modelo neoliberal desde, sobretudo, os anos de 1980. Para essa problemática, mobiliza-se o emprego do termo retórica para uma verificação de sua consistência nos dias de hoje. Vale ressaltar o vigor das referências bibliográficas atualizadas e que potencializam uma profunda reflexão crítica e política que incide em uma tão essencial compreensão de realidades sociais circunscritas na esfera do sistema capitalista: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”.

Encerrando esta edição de FronteiraZ, trazemos uma entrevista com a Profa. Dra Elza Miné, cujas investigações, desenvolvidas no âmbito dos estudos linguístico-literários, atentam ao fazer crítico-criativo da escrita de expoentes autores portugueses, notadamente de Eça de Queirós. Seu depoimento, enquanto docente e pesquisadora, traz densidade à percepção do fazer científico e revela a educadora entusiasmada, enamorada dos projetos que incansavelmente desenvolve ou desenvolveu, sejam eles na PUC-SP, na USP ou em destacadas universidades além-mar, entre outras. Motivada por trabalhos que lhe propiciaram múltiplos conhecimentos e um percurso híbrido, afirma que, em matéria de pesquisa, “é preciso sempre saber a mais”. O vigor da trajetória de Elza está presente nos fatos que nos narra, na maneira como o faz e no unânime reconhecimento de suas pesquisas com textos lítero-jornalísticos. A ela manifestamos os nossos mais profundos agradecimentos e a nossa absoluta admiração.

Ao fecharmos este número da FronteiraZ, fica o nosso convite para que vocês, leitores-ouvintes, apreciem esta edição.

Profa. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias (PUC-SP e USP)

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva (USP)